

VIGILÂNCIA, CONTROLE E TECNOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE O SETOR SUPERMERCADISTA EM SÃO PAULO¹

SURVEILLANCE, CONTROL AND TECHNOLOGY: A STUDY ON THE SUPERMARKET SECTOR IN SÃO PAULO

Leonardo José Ostronoff²

RESUMO

Através de uma observação direta de três grandes redes de supermercados brasileiros, este artigo discute como novas tecnologias são usadas no controle dos trabalhadores. Desde o começo do capitalismo industrial, tecnologias são usadas para produzir comportamentos que gerem maior produtividade, impondo uma disciplina de trabalho. Com a passagem para sociedade de controle, a videovigilância se espalhou pelos mais diferentes espaços do cotidiano. Nos supermercados, desenvolveu-se nos últimos anos um sistema para diminuir riscos: a prevenção de perdas. Este artigo discute justamente esse sistema como um dispositivo de controle do trabalho, analisando suas técnicas de vigilância como uma forma de controle dos trabalhadores.

Palavras chave: Vigilância. Controle. Tecnologia. Trabalho.

ABSTRACT

Through a direct observation of three large Brazilian supermarket chains, this article discusses how new technologies are used to control workers. From the beginning of industrial capitalism, different technologies have been used to produce behaviors

- 1 Os resultados apresentados neste artigo são decorrência da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) identificada pelo processo 2016/18464-1, vinculada ao Projeto Temático "A gestão do conflito na produção da cidade contemporânea: a experiência paulista".
- 2 Pós-doutorando do Departamento de Sociologia da USP. É doutor e mestre pelo mesmo departamento e graduado em Ciências Sociais pela USP. Foi professor adjunto na Escola DIEESE de Ciências do Trabalho e da Pós-graduação da FESP (Fundação Escola de Sociologia e Política). E-mail: leonardo_ostronoff@yahoo.com.br

that generate greater productivity, imposing a work discipline. With the passage to control society, video surveillance has spread throughout the most different spaces of daily life. In supermarkets, a system has been developed in recent years to reduce risks: loss prevention. This article discusses precisely this system as a device of labor control, analyzing its surveillance techniques as a form of workers' control.

Keywords: Surveillance. Control. Technology. Work.

Neste artigo, apresento resultados preliminares do trabalho de campo da minha pesquisa de pós-doutorado, principalmente de 20 entrevistas realizadas com trabalhadores de três grandes redes supermercadistas de São Paulo e região. Ao todo, foram seis meses de realização do campo. O objetivo específico deste artigo é discutir as tecnologias de videovigilância como forma de controle do trabalho. Ele versa sobre os dispositivos de controle diante das novas tecnologias existentes no mundo contemporâneo. Dispositivo é aqui compreendido como tecnologias e táticas de controle que geram condutas. Os comportamentos não são construções do imponderável, ao contrário, são produzidos por maquinarias organizadas racionalmente com objetivo de controlar os corpos em determinados espaços. A observação direta das tecnologias de vigilância é método fundamental na realização da pesquisa. Entrevistas semi-estruturadas estão sendo realizadas com clientes, trabalhadores das lojas e executivos dos níveis de gerência e logística.

A utilização de tecnologias para controle não é algo novo no modo de produção capitalista. Thompson (1998), analisando historicamente o início da indústria na Inglaterra, mostra como o controle do tempo era parte integrante da organização do trabalho na produção fabril. Segundo Thompson (1998, p. 291), "Sem a ajuda das máquinas para regular o ritmo de trabalho nas olarias, esse disciplinador supostamente formidável... ficava reduzido a tentar impor a disciplina aos oleiros em termos surpreendentemente ineficientes".

Dessa maneira, as máquinas eram fundamentais para consolidar o regime de trabalho de produção industrial. Um outro exemplo era a inovação tecnológica do começo da era industrial: o relógio de pulso que, por sua vez, era proibido durante o ofício. Somente os supervisores eram autorizados a utilizá-los, aos operários de “chão de fábrica” não era permitido. Em um espaço em que a racionalização do tempo era fundamental no controle dos trabalhadores, o acesso ao relógio de pulso era uma forma de poder. De acordo com Thompson (1998, p. 290), “O diretor da fábrica tinha ordens para manter o relógio de pulso trancado a sete chaves a fim de impedir que outra pessoa o alterasse.”

A discussão acima nos remete ao registro da sociedade disciplinar, na qual cada espaço rege uma norma para doutrinar os corpos circunscritos às suas fronteiras. Segundo Foucault (1998), esse poder disciplinar constitui um mecanismo fundamental para o desenvolvimento do capitalismo industrial e uma das grandes invenções da sociedade burguesa. O poder disciplinar tinha como objetivo “adestrar os corpos”. Fato é que as instituições disciplinares produziram um maquinário de controle que funciona como um microscópio dos comportamentos, um dispositivo que caracterizava as fábricas e o trabalho industrial:

Por meio de tudo isso – pela divisão de trabalho, supervisão do trabalho, multas, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das feiras e dos esportes – formaram-se novos hábitos de trabalho e impôs-se uma nova disciplina de tempo (THOMPSON, 1998, p. 297).

Ocorre que com o avanço do capitalismo, surgiram outras formas de controle para além do registro da sociedade disciplinar. Diante disso, Deleuze (1992), afirma que não estaríamos mais no regime da sociedade industrial, na qual o paradigma era o do trabalho

na fábrica. Assume-se aqui a hipótese da sociedade de controle de Deleuze³.

Segundo essa hipótese, o olhar não estaria mais confinado apenas a um lugar onde esperamos ser controlados. Na sociedade contemporânea, esses sistemas espalharam-se pela vida cotidiana. De acordo com Bruno (2012, p. 59), “Em suas montagens, as imagens das câmeras-olho ou olhos-máquina põem em relação vários domínios: a prisão, o trabalho, a guerra, a administração, o consumo.”

De acordo com Cardoso (2013), os circuitos fechados de televisão (CFTV) teriam a capacidade de prevenção, ou seja, impedir que delitos fossem cometidos no interior dos ambientes observados. Realizando a observação nos supermercados, essa afirmação se confirma. O trabalho de campo permitiu verificar que as câmeras são parte de um sistema planejado por um setor das empresas chamado de “prevenção de perdas”. Os CFTVs não estão isolados, são parte da estratégia para prevenir furtos nas lojas. Era preciso então, entender o que é e como funciona esse sistema.

O *loss prevention*, ou prevenção de perdas, é uma operação de logística, e consiste no monitoramento constante das mercadorias, tanto físico: conferência de etiquetas e inventários; quanto eletrônico: CFTV. Segundo o entrevistado A (gerente regional): “[...] o principal foco é evitar perdas ...qualquer prejuízo que possa vir causar a empresa e o bolso do proprietário.”

O monitoramento não é feito somente nas lojas, mas começa desde que as mercadorias chegam nelas. Aqui é preciso entender um pouco da cadeia logística de um supermercado. Além das lojas que todos nós conhecemos no nosso cotidiano, essas empresas possuem centros de distribuição de mercadorias que ficam em pontos estratégicos. Ou seja, os fornecedores entregam os produtos nos CDs (centros de

3 Esta discussão no campo das ciências sociais é ampla e envolve diversas tradições sociológicas e autores não citados aqui. Isso pode melhor ser verificado no artigo “Controle Social: notas em torno de uma noção polêmica” (ALVAREZ, 2004).

distribuição) e, por sua vez, esses os repassam para as diferentes lojas segundo a demanda. Dessa forma, os produtos são monitorados em todo processo. Segundo o entrevistado B (gerente de logística), “[...] hoje você tem câmeras na cabine do caminhão, na guarita da loja, dentro dos CDs, até na parte administrativa você tem câmeras [...] tá na cadeia toda”.

O trabalho da prevenção é prescrever todo circuito da mercadoria desde que chega ao CD até sair da loja. É um processo de racionalização: calcula-se o tempo de cada etapa e verifica-se a quantidade de produtos para que não existam desvios. Ao chegar ao CD, o caminhão está lacrado pela empresa fornecedora, e somente pode ser aberto pelos fiscais da prevenção. Eles têm um inventário, uma lista em que estão descritos todos os produtos que devem estar naquele caminhão e fazem assim a conferência. Segundo o entrevistado C (chefe de prevenção de perdas): *“a prevenção atua nas divergências”*. Toda vez que as mercadorias são transportadas de local há nova conferência, isso se repete em diferentes etapas do percurso da mercadoria dentro do CD. Além disso, tudo é registrado pelas câmeras do CFTV. Segundo entrevistado B, *“Todo aparato distribuído em pontos estratégicos, que permite que veja todo processo.”*

A prevenção não gera receitas diretas como a produção ou vendas, mas agrega valor quando evita perdas das mercadorias. É tarefa da prevenção, segundo o entrevistado B (gerente de logística), *“[...] fazer a medição e verificar onde você tinha possibilidades de ganhos, de produtividade e redução de custos.”* Existe um ponto de conexão entre a prevenção e a produção, ambos geram metas e são avaliados pelos mesmos. O critério comum entre os dois é o tempo. Outro indicador da prevenção é a sequência certa das etapas, segundo o entrevistado E (gerente de loja):

[...] se eu faço todas as etapas, a tendência é chegar redondo no final. Se eu faço o fluxo corretamente, se eu sigo todas as orientações, não tem problema...quebrou o processo o cara deixa

vulnerável. Se eu tinha que ir do A para o B, porque fui do A para o C?

A suspeita vem exatamente quando algo sai do que foi prescrito. Qualquer alteração é passível de investigação, mas é a recorrência que traz suspeita. Quando ocorre isso, abre-se um processo administrativo, segundo o qual em primeiro lugar se analisa as imagens referentes a ocorrência. O Chefe da Prevenção daquele local é responsável pela análise. Como existem as marcações pelas etiquetas eletrônicas durante todo trajeto, é possível identificar onde o produto desapareceu. Então volta-se as imagens até o momento do último registro, e analisa-se desse ponto em diante.

Porém, no caso de não haver como verificar pelo vídeo, recorre-se ao histórico dos funcionários. Procede-se então por eliminação, restringindo o universo de investigados. Segundo o entrevistado C (chefe de prevenção de perdas): “[...] chamam as pessoas envolvidas junto com os superiores deles e se comunica que foram detectados.”

Mas o trabalho da prevenção também diz respeito ao fluxo de mercadorias entre lojas e CDs, trajeto que é feito por caminhões. Todo percurso desses veículos é monitorado por rádio frequência: aproximadamente a cada quinze minutos, o motorista entra em contato com a central de monitoramento via Nextel. Há um planejamento das rotas que é feito em associação entre o setor de prevenção de perdas, as empresas contratadas e a polícia. As empresas supermercadistas contratam empresas especializadas em seguro de cargas para evitar roubos, o que também é uma responsabilidade da prevenção. Entra em cena uma personagem importante na cadeia de prevenção dos supermercados: as empresas de segurança. Segundo entrevistado B (gerente de logística):

[...] todas as companhias que fazem seguro de transportes normalmente têm um braço militar. Cê tem um cara que é coronel ou um cara que é das forças armadas, estaduais

[...] essas seguradoras tem um braço armado que é o que? Pessoas que tem patente para fazer facilitação. A sua empresa ter um cara graduado ele facilita, tem capilaridade na PM.

Nesse ponto temos uma relação direta com a literatura do tema, no tocante à afirmação de que a segurança deixou de ser uma prerrogativa do Estado, pois ocorreu uma expansão do setor privado. Empresas de segurança passaram a desenvolver tecnologias para controlar pessoas nos mais diferentes ambientes da vida cotidiana. Em estudo sobre o videovigilância no Rio de Janeiro, Cardoso (2013) verificou a solução de crimes com base em imagens de câmeras de *shoppings centers*, lojas de conveniência e supermercados. Fato que também observei no campo, segundo o entrevistado D (chefe de prevenção de perdas): *“Tem uma troca de informações. Há um certo convívio com o pessoal da polícia, há uma associação onde todos ganham. Só repassamos imagens com mandato. Há uma burocracia para passar uma imagem [...] mas sendo autorizado, passamos sim.”*

Analisando o setor comercial, Garland (2005) afirma que através das técnicas de gestão, a segurança tornou-se parte integrante nas organizações, havendo até mesmo o surgimento de uma polícia privada, reconhecida pelo governo como um sócio na produção de segurança e controle do crime. Nesses cenários privados, como os centros comerciais, os indivíduos podem ser inspecionados, vigiados ou filmados. Essa associação entre as forças de segurança foi verificada no caso dos supermercados brasileiros, é como se as fronteiras entre público e privado tivessem sido flexibilizadas nesse campo, existindo hoje uma rede. Sobre essa relação, o entrevistado A (gerente regional) afirma:

[...] é muito comum pelo seguinte, porque o planejamento policial ele ocorre muito em função das ocorrências que acontecem

naquela região. Então vem o aumento de efetivo, ele vem de ações que envolvam tanto a Polícia Militar na questão do policiamento ostensivo, como da Polícia Civil na prevenção [...]

Foucault (2014) discutindo a gestão dos ilegalismos, afirma a existência de um dispositivo germinado, formado por um conjunto de três termos: (polícia-prisão-delinquência). A noção de dispositivo germinado pode ser pensada no caso dos supermercados, justamente nessa relação entre: polícia-supermercados-empresas de segurança. É recorrente nos depoimentos dos funcionários a afirmação dessa associação com as forças policiais, o que permite concluir que ela é um constante. O entrevistado B (gerente de logística) afirma: “[...] é comum você ver no fechamento das grandes lojas, carros da Polícia Civil no horário do fechamento. Essa é uma relação oficiosa, mas é de troca. Não existe almoço gratuito [...]”. Esta última expressão mostra relação de cooperação entre policiais e supermercados, onde os primeiros recebem benefícios em troca de uma ênfase na segurança das lojas. Foucault (2014) também afirma que ir contra regulamentos do trabalho era uma das formas de ilegalismo operário no século XVIII. Ora, os policiais ao terem essa “relação oficiosa” estão indo contra o regulamento da corporação, mas o fazem porque o salário não é suficiente, tornando essa prática comum.

Segundo o entrevistado E (gerente de logística), ainda no ano de 1984, era possível ver seguranças armados que ficavam na frente das lojas. Internamente haviam fiscais de loja, que tinham por função evitar furtos. Suspeitando de alguém, seguiam o indivíduo pela loja, o abordavam na saída da loja e levavam para revista. Os seguranças internos assumiam simbolicamente o papel de um policial, segundo o entrevistado F (chefe de prevenção): “Antes era um sistema policialesco, o cara com arma na mão, autoridade, o cara fardado. Um perfil policial, mesmo que não fosse.” O problema é que esse sistema gerava muitos processos na justiça contra os supermercados, movidos por clientes que eram abordados sem terem cometido delitos. Para substituir esse sistema

ineficiente é que surgiu o *loss prevention* (prevenção de perdas). Para o entrevistado D (chefe de prevenção):

[...] surgiu o loss prevention, não era mais segurança da loja, e com ele vem toda uma cultura, que é coisa da prevenção, uma coisa mais sofisticada com um sistema de vídeo, de TV, o CFTV, que fica numa sala especial da loja, e ali ficam controlando quem entra e quem sai da loja. Daí desaparece a figura do segurança armado e do fiscal de loja. Tudo é monitorado por câmeras.

A prevenção de perdas teve uma forte influência policial no início, mas aos poucos surgiram profissionais civis especializados e as próprias empresas supermercadistas foram desenvolvendo técnicas próprias com objetivo de evitar perdas em toda cadeia. Hoje em dia existe uma separação clara entre prevenção e segurança patrimonial nas empresas, o que constitui uma certa rivalidade entre as áreas. Revistas, abordagens, são feitas pela chamada “patrimonial”, que é identificada por uniformes. Seriam a continuidade do antigo sistema de segurança, só que agora com menor participação na empresa. A prevenção é caracterizada como um serviço de inteligência.

Existe uma comparação dos “prevenção” (como dito pelos trabalhadores) com as inteligências policiais, justamente quando os funcionários apontam a utilização de técnicas de “encobertos”, que ficam períodos nas lojas trabalhando como funcionários “comuns” com objetivo de descobrir irregularidades: “*[...] também alguém de forma velada é colocada no sistema para trabalhar junto, é muito policial.*” Já o entrevistado F (chefe de prevenção de perdas), chefe de prevenção de perdas, afirma que: “*[...] eu mesmo já sugeri: coloque um motorista infiltrado dentro dos motoristas [...] é possível, vai do custo para a empresa.*”

O entrevistado G (operador de caixa), operador de caixa de loja, relatou a técnica do “cliente misterioso”. Um fiscal de prevenção vai até determinada loja como se fosse um cliente comum e verifica se está tudo conforme o planejamento. Atingindo 100% nos indicadores, a loja ganha um bônus de R\$ 100,00. Detalhe, ele não se identifica, a

loja é comunicada posteriormente da sua avaliação. Nesse ponto é que começamos a chegar na questão do trabalho mais especificamente. Segundo o entrevistado G:

[...] a prevenção faz todo mês um checklist. Vale ponto. Tipo a loja tem meta, se tiver 100% ganha pontos. Eles avaliam o trabalho do operador, o procedimento se tá correto, tipo sangria. Eles têm uma câmara que fica em cima do caixa.

A prevenção dos supermercados estabelece metas para as lojas e trabalhadores. Em minha tese de doutorado (OSTRONOFF, 2015) pesquisei no trabalho bancário os impactos dessas novas formas de controle na gestão dos bancos brasileiros, sobretudo, através do sistema de metas de produtividade. Este diz respeito diretamente ao paradigma da empresa, em que o serviço de vendas tornou-se sua alma (DELEUZE, 1992), caso que comprovei entre os bancários ao se tornarem vendedores de produtos como seguros, cartões, etc. Fato é que as metas acabam por gerar uma pressão maior sobre os trabalhadores, afetando sua saúde mental. Essas consequências foram observadas pelos trabalhadores de supermercados, o entrevistado C (chefe de prevenção de perdas) afirma: *“[...] a inserção de mão de obra dessas novas tecnologias permitem que você tenha uma produtividade maior, mas por outro lado há um desgaste psíquico imenso. Tudo tá ligado a essa questão de monitoramento.”*

O sistema de prevenção de perdas representa uma das novas formas de racionalização do trabalho, utilizando de novas tecnologias para efetuar um controle ainda maior do que havia no período do capitalismo industrial. O controle não é somente externo ao trabalhador, cria-se um sistema em que ele captura a mente do funcionário, gerando no mesmo uma conduta, portanto, maneiras de pensar e agir que não se encerram no horário de trabalho. Dessa maneira, o controle está para além da fábrica. Para o entrevistado B (gerente de logística):

[...] algo é você estar num espaço e não estar monitorado. É mais natural para você...você parar pra tomar um café, descontrair.

Ou seja, é uma componente que é negativo ao trabalhador, porque é uma pressão que não aparece diretamente, isso é uma forma de controle. Hoje você tem nos caixas todos, mas tá nas partes internas também. O que falei pra você, os indicadores é uma forma de controle, o CFTV também.

A prevenção de perdas é um dispositivo, utilizando novas tecnologias como o CFTV, etiquetas eletrônicas e o sistema de trabalho em metas. Como tal, se concentra em vigiar e controlar condutas, gerando comportamentos para os indivíduos sobre os quais atua. Está sob o olhar desse dispositivo tudo aquilo que pode gerar risco de perda. Assim, qualquer setor das empresas pode sofrer intervenção dele. Interessante notar que ele não está submetido às gerências das lojas, supervisores ou gerentes gerais. Qualquer um dentro da loja é passível de ser investigado. Como dito pelo entrevistado D (chefe de prevenção de perdas): *“qualquer um pode ser pego pela prevenção”*. Formase a noção de uma vigilância constante: *“[...] tem uma nuvem na cabeça de todo mundo...e tem”* (entrevistado B). De fato, a ideia de uma vigilância que está em todo tempo e em todo lugar na mente dos indivíduos, se comprova nesse caso. É importante destacar a aproximação com a noção de Panóptico de Foucault (2014). Para este autor, toda vez que se desejar impor um comportamento a um conjunto de indivíduos, o esquema panóptico é uma alternativa. O efeito desse dispositivo é induzir um estado de constante visibilidade, como se o indivíduo estivesse sempre vigiado e se aplica a um espaço onde é preciso manter sob vigilância um grupo determinado de pessoas. Segundo Foucault (2014), a eficácia do panóptico está justamente em seu caráter preventivo. Isso pode ser verificado nas palavras do entrevistado D (chefe de prevenção de perdas):

[...] maior lição que queremos passar é o seguinte: não tá largado, tem gente olhando. Não vamos fazer isso porque tem gente olhando. A prevenção de perdas atua dessa forma, as pessoas têm que entender que tem câmeras, que tem pessoas verificando

processos, que existem pessoas verificando coisas erradas... existem pessoas de olho, desde um papel no chão [...]

Essas tecnologias de prevenção são baseadas em um discurso que oferta segurança para quem está dentro dos supermercados. Porém, eles não estão somente nas lojas. Existe circuito interno de TV nos chamados CDs (Centros de Distribuição), nos setores administrativos, onde não há presença de cliente algum. Ali somente estão trabalhadores e estoques de mercadorias que depois serão levadas às lojas. Assim, a prevenção trata somente da segurança, são também tecnologias de controle dos trabalhadores. Segundo o entrevistado D (chefe de prevenção de perdas):

[...] o principal objetivo das câmeras e do loss prevention é justamente em cima dos funcionários... há um trabalho intensivo na conduta, no acompanhamento diário do comportamento dos funcionários.

As câmeras monitoram os trabalhadores controlando sua atividade. Isso é tão forte que 5 trabalhadores apontaram a existência de câmeras ocultas nos CDs e nas lojas. Segundo o entrevistado H (gerente geral de loja), “[...] tem câmeras no setor que nem eu sei, só a prevenção [...]”. Thompson (1998), afirma que nas indústrias antigas existia a figura do supervisor e do diretor de fábrica, eles possuíam ordens para manter uma folha de controle do tempo de cada diarista, com registros anotados com precisão de minutos, informando “entrada” e “saída”. Muito semelhante com o papel que hoje é desempenhado pelo CFTV, segundo a entrevistada H: “Sinceramente eu tenho pra mim que essas câmeras são mais pra pegar o trabalhador, quanto tempo ele fica fora do setor, quantas vezes vai ao banheiro, se chegou atrasado. Nem toda hora o supervisor está no setor”.

No começo do capitalismo, conforme descrito por Thompson, o tempo de trabalho era fundamental no controle dos trabalhadores. Haviam supervisores que observavam o trabalho dentro das fábricas.

Assim, o relógio de pulso foi proibido aos operários na linha de montagem, pois a prerrogativa do tempo era dos superiores. A prevenção de perdas também é um sistema de controle do trabalho, porém, agora com maior alcance devido a tecnologia de câmeras. O tempo ainda é um indicador utilizado, mas está somado a estratégias de videovigilância que criam a ideia de uma presença constante dos superiores na mente dos trabalhadores. Além disso, técnicas aqui relatadas como os “funcionários encobertos” ou “cliente misterioso”, reforçam essa sensação de que alguém está de olho todo tempo. As tecnologias de vigilância se desenvolveram, trazendo formas mais eficientes de monitoramento. Porém, mantém-se o objetivo de controle do trabalho. É o novo trazendo dentro de si uma nova versão do velho.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Marcos César. Controle social: notas em torno de uma noção polêmica. *Perspectiva*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 168-176, jan./mar. 2004.

BRUNO, Fernanda. Contramanual para câmeras inteligentes: vigilância, tecnologia e percepção. *Galáxia*, São Paulo, n. 24, p. 47-63, dez. 2012.

CARDOSO, Bruno. Câmeras Legislativas: videovigilância e leis no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 28, n. 81, fev. 2013.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219-226.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014.

GARLAND, David. *La cultura del control: crimen y orden social en la sociedad contemporânea*. Traducción de Máximo Sozzo. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

OSTRONOFF, Leonardo José. Menos Metas, Mais Saúde: um estudo sobre o sindicato dos bancários de São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.